



UM NATAL
ASSOMBRADO

PATRICIA MORAIS

Um Natal Assombrado

Patricia Morais

Um Natal Assombrado

Um conto de natal de Sombras

Um Natal Assombrado

Um conto de natal de Sombras

Patricia Morais

Publicado por

Patricia Morais

www.patricia-morais.com

© 2020 Patricia Morais

Capa: Adaptada da obra de *Sombras*, publicado pela [Coolbooks](#).

1º edição: dezembro 2015

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização da editora, exceto em casos breves de citações em resenhas, jornais e revistas ou outros casos não comerciais que não violem a lei de copyright.

*Para todos aqueles que têm o infortúnio de não poder passar o Natal
com os seus entes queridos;*

E para a minha mãe, a mulher mais corajosa que conheço.

♪ *Little Drummer Boy* – Sean Quigley ♪

A loja cheirava a canela, a pinho e citrinos. Um aroma que se difundia pelo corpo e me impregnava com uma sensação de serenidade absoluta. Esta sensação era, acima de tudo, bem-vinda. A época natalícia aproximava-se, mas ainda não me sentia nada festiva. Aliás, sentia exatamente o oposto. No entanto, prometera a mim mesma que não deixaria o meu humor de cão afetar a animação das minhas colegas *venatori*.

– Acham que conseguimos encontrar mais como estas?

Ao meu lado, Zhao pegou numa bola dourada, coberta de brilhantes, e levantou-a à altura dos olhos oblíquos. O seu cabelo negro estava preso por uma bandolete com antenas de renas e caia-lhe em cascata, por cima do vestido vermelho em xadrez com os punhos e o colarinho de Peter Pan verde. De todos os *venatori*, Zhao era definitivamente a mais entusiástica quanto às festas. Não podia perder uma oportunidade para se vestir perante a ocasião da cabeça aos pés.

Do outro lado da mesa repleta de decorações de natal, Ada ignorou-a e passou os olhos por uns bibelôs da mãe e pai Natal; uns bonecos de um berrante vermelho e assustadores olhos azuis.

– Que tal estes dois? – perguntou esticando-os na direção de Zhao. A pobre ruiva, que era mais alta do que normalmente se lembrava, bateu com a perna na pequena mesa ao executar o movimento súbito. – Fazem-me lembrar aquele elfo super popular.

– Não! – Zhao encolheu-se como um vampiro perante a visão da cruz. *Bem, como os vampiros dos filmes.* Os vampiros que eu conhecia não tinham qualquer problema com a cruz. Ou alho. E, não dormiam em caixões. – Que coisa foleira. Não quero que a nossa sala se pareça com a casa de uma velhota da província.

Ri-me discretamente e observei os pequenos flocos de neve que se acumulavam na janela, grata por me encontrar no interior aquecido da loja. Do outro lado do vidro, avistei Brian Wright, um rapaz do meu curso de Mitologia e Folclore no Instituto de Jillian, a passar na praça com dois amigos. O rapaz mulato e a rapariga loira também pertenciam ao meu curso, mas nunca me dera ao trabalho de os conhecer.

O meu estômago contraiu-se com um pouco de culpa. Quando me mudara para Jillian, uma pequena cidade no estado de Oregon a pouco mais de uma hora de Eugene, Brian fora dos poucos que persistira na sua insistência para que me sentisse integrada. Eu afastara praticamente todos os outros que tinham tentado. Eventualmente, depois de o ter deixado plantado – e dessa vez, a culpa não tinha sido minha, mas de um *lich* –, ele acabou por desistir de tentar socializar comigo.

Não mudara de país, e abandonara toda a família e amigos que me restavam em Portugal e em Inglaterra, para fazer novos amigos aqui. Fizera-o porque queria estar sozinha. Algo que dera o tiro pela culatra quando me juntara a *Diabolus Venator*. Mas, não queria que Brian entrasse

e, quando me visse na companhia das minhas colegas *venatori*, pensasse que o meu problema tinha sido em socializar com *ele*. As circunstâncias que me tinham levado até ali eram completamente diferentes.

Ada e Zhao tinham-me arrastado até ao Antiquário Antoinette sob o pretexto de não haver nada melhor do que compras entre meninas para criar um elo de confiança. O nosso trabalho exigia que confiássemos nos colegas com as nossas vidas, pelo que Zhao tentara convencer-me a “passar tempo de qualidade” com elas.

Eu juntara-me a *Diabolus Venator*, uma organização que caça criaturas sobrenaturais – *isso mesmo, vampiros, lobisomens, coisas típicas que se escondem debaixo da cama* – há dois meses e preferia acreditar que Zhao apenas me compelira a vir por ser um alvo fraco. Alguém que ela podia arrastar consigo para uma onda de compras, já que os outros se tinham recusado.

Ada olhou para os bibelôs com pesar, mas não se queixou. Ela nunca se queixava. Nos dois meses que a conhecia, pouco sabia sobre o que a levava até à organização, mas Ada era sempre a primeira a saltar para ajudar quando era preciso. *Ou quando alguém pedia companhia para as compras.* A sua atitude calma e silenciosa tornava-a a companhia ideal para aqueles dias em que queria uma companhia amiga, mas não queria ter de explicar o que sentia. Ao contrário de Zhao, que adorava conversar, Ada não se intrometia.

– Afinal, porque é que te importas tanto com o natal? – perguntou Ada. – Sabes que é mais do que provável não podermos celebrar todos juntos.

Zhao encolheu os ombros e pegou numa grinalda de folhas outonais.

– É uma festa e eu tenho a oportunidade de decorar qualquer coisa. Além disso, não podes negar que precisamos de algo alegre naquela casa. O nosso trabalho não é dos mais otimistas. – Zhao bateu-me no ombro. – Vá

lá, Lilly, deixa de pensar no dia de ontem e ajuda-me a encontrar algo que grite “*Sheng Dan Kuai Le*”.

Senti o meu coração falhar. A loja estava apinhada de famílias e estivera distraída a observar uma rapariga adolescente que parecia estar a brincar um jogo qualquer com a irmã mais nova. As gargalhadas da menina enchiam-me os ouvidos que nem notas musicais. Só reparei naquele momento que começara a esquecer o som do riso da minha própria irmã. Cerrei os dentes e inspirei fundo antes de me virar para Zhao:

– Desculpa, mas não sei o que é isso.

– Significa “Feliz Natal” em mandarim.

Assenti e virei as costas para observar uns presépios de natal na estante atrás de mim, onde Ada observava uma casa natalícia com uma expressão cabisbaixa.

– Quando a minha mãe era viva – começou –, eu e os meus irmãos, construíamos todos os anos uma casa de gengibre para ela. Ela ficava sempre tão contente que acabava por nos fazer um enorme tabuleiro de bolachas.

Zhao olhou para ela, por cima de umas estrelinhas de Natal que eram agora o seu foco.

– Tu sabes que ela te faria as bolachas mesmo se não fizesses a casa, não sabes? – inquiriu ao mesmo tempo que apertou Ada num abraço e com um sorriso de orelha a orelha. Ada lançou-lhe a língua de fora e Zhao riu-se. – Estava só a confirmar.

A atitude de Zhao podia parecer insensível para quem não a conhecesse, mas Ada rapidamente alterou a sua expressão lúgubre e fora contagiada pelo riso da amiga. E, apesar do meu humor pessimista muitas vezes se sentir esgotado com as boas energias de Zhao, não me lembrava de ter passado um minuto com ela onde ela não fosse capaz de me roubar um

sorriso. Algo que não era muito fácil para mim desde que perdera a minha família.

– Ok, acho que estou pronta.

Tanto eu como Ada olhámos para o cesto de Zhao que, de tanto ornamento, começara a brotar para os lados. Alguém se tinha deixado levar pelo espírito!

II

♪ *Up on the Housetop* – Reba McEntire ♪

As colunas da aparelhagem na sala da Mansão de *Diabolus Venator* vibravam com as músicas de natal que tocavam em alto e bom som. E, apesar dos outros caçadores me terem dito que era raro nevar tão perto da costa, não parava de olhar esperançosamente de meia em meia hora pela janela. Tinha uma esperança infantil que a chuva e o nevoeiro que se acumulara do outro lado se transformasse de repente em neve. Sempre sonhara com um natal branco. Algo que nunca tivera ocasião de ver em Lisboa ou Londres, onde passara alguns natais uma vez que o meu pai era inglês e a minha mãe portuguesa.

Dentro da mansão, todos pareciam achar normal o facto de Zhao ladrar ordens a toda a hora. Com a estatura de uma adolescente de 15 anos, mas a autoridade de um general, ninguém a questionou ou protestou quando Zhao ordenou a Gabriel que desfizesse os nós das luzes de Natal ou que Ada fosse enviada para a rua para colocar coroas de azevinho nas portas.

– Então, explica lá como funciona a tradição de natal em *Venator* – pedi. Estava sentada com Marion a fazer – e comer – grinaldas de pipocas. Ela atirou uma pipoca no ar e tentou apanhá-la, mas esta caiu-lhe no rosto e por conseguinte no sofá. Sem demoras, Marion apanhou-a e comeu-a. Os seus olhos verdes cintilavam de alegria.

– É simples – disse. – Todos os anos, Zhao obriga-nos a pôr músicas de Natal e a decorar a casa inteira todos juntos.

– Todos? Até mesmo Liam?

Liam Kestner era um dos *venatori*, caçadores pertencentes a *Diabolus Venator*, mais antigos da mansão, mas também dos mais reclusos. Preferia viver afastado dos outros, num celeiro no jardim, e só aparecia para alguns treinos em conjunto e quando era obrigado a partir em missão. Nolan, o líder de *Venator*, nunca nos deixava caçar sobrenaturais sozinhos.

– Até mesmo Electra, se tiver o infortúnio de estar presente. Mas todos menos o Kestner. Zhao pode ser persuasivamente assustadora, mas ela ainda tem mais medo dele que ele dela.

Acredito que sim, pensei. Liam conseguia ser bastante intimidante quando queria.

Richard entrou na sala a carregar uma caixa de ornamentos. O seu cabelo castanho até aos ombros estava coberto por um chapéu de duende e cantarolava, entredentes, *We Wish You A Merry Christmas*.

Zhao não nos vai obrigar todos a usar aquilo!

Marion abanou a cabeça quando Richard se aproximou e tirou uma mão cheia de pipocas da taça. Colocou as pipocas todas de uma vez na boca e piscou-lhe o olho.

– O único que parece não se importar com o espírito natalício que se apodera de Zhao nesta altura é o Richard, que criou a tradição dos presentes.

Olhei chocada para Marion.

– Presentes? – Não me tinha preparado para isto. – Peço desculpa, mas não devíamos estar antes preocupados com as criaturas que nos querem arrancar a cabeça?

Ela riu-se largamente e as rugas de expressão em volta dos olhos sulcaram a sua pele castanha.

– Ainda és nova neste tipo de trabalho. Em breve começarás a apreciar quando conseguimos ter pequenos momentos como este.

Marion apontou com a cabeça na direção de Electra que entrava na sala com um tabuleiro cheio de *eggnogs*. Richard atirou as mãos no ar ao avistá-la e beijou-lhe a testa quando retirou o seu copo. A cor marfim do rosto de Electra subiu dois tons no espetro de vermelho.

– A troca de presentes – explicou Marion –, é uma espécie de amigo secreto, mas, como é óbvio, o Richard não nos podia simplificar a vida e entregar-nos assim os presentes. Temos de os esconder pela casa e procurá-los que nem loucos. Se encontrares o de outra pessoa é estritamente proibido dizer. Coloca-o no sítio e continua à procura do teu.

– Parece divertido.

– É uma loucura, mas sim é divertido – admitiu.

Nolan atravessou a sala com cara de poucos amigos e estacou em frente do sofá, apertando os almofadões com força. Gabriel ainda tentou fazer com que ele se juntasse à festa, mas rapidamente se apercebeu que ele não vinha para supervisionar a decoração. Uma certa tensão encheu o ar, enquanto esperávamos para ouvir o que já suspeitávamos.

– Zhao, Lilly, posso falar convosco no meu escritório? – Estávamos a ser chamadas para uma missão. Senti-me serena de repente. Eu vivia para estas missões. A adrenalina e a concentração que este tipo de trabalho exigia era a única coisa que me fazia sentir viva desde a morte da minha família. E, o facto desta missão vir na época mais familiar de todo o ano, só me fazia sentir mais aliviada.

Zhao atirou uma bola de natal para dentro da caixa e eu abandonei a grinalda de pipocas, deixando o resto para Marion.

Quando nos sentámos nas cadeiras de Nolan, Zhao cruzou os braços de mau humor.

– Eu sei que não é a altura ideal, Zhao – começou Nolan –, mas já sabes que neste tipo de coisas é bem provável. É natural que acabemos por ter de trabalhar no Natal.

Zhao respondeu-lhe com um grunhido.

Nolan finalmente olhou para mim com um ar penoso.

– Têm havido relatos de distúrbios na zona de Eugene e eu creio que tenha origens sobrenaturais. Provavelmente não é nada de especial, apenas uns quantos *yuletides*. *Yuletides* são um tipo de duendes maliciosos que causam alvoroço na altura do natal com travessuras, mas só porque pregam partidas não deixam de ser perigosos. E, também podem ser um aviso para algo mais perigoso como uma *Grýla*.

Eu fora recrutada para *Diabolus Venator* por causa do meu curso de Mitologia e Folclore na cidade. É óbvio que conhecia as lendas islandesas dos *yuletides* e da *Grýla*. Mas tal como tudo o resto, pouca ideia tinha sobre como se matava este tipo de criaturas no mundo real. Afinal de contas, era suposto estas criaturas serem fictícias. O nosso curso ensinava-nos que não passavam de lendas populares. E, agora descobria que até mesmo as lendas de natal pareciam ser verdadeiras.

– Como é que os neutralizamos? – perguntei.

Nolan abriu um dos armários de vidro que ladeavam o escritório e retirou um pau de madeira escura do seu suporte.

– Com o pau de *Grýla*. Um pau apanhado nas montanhas da Islândia junto do vulcão onde ficam as origens dos *yuletides*. – Nolan entregou-me o pau e olhou para Zhao, que ainda olhava para a janela atrás da secretária.

– Zhao, tenta entender que não podemos permitir que eles se exponham. Estas criaturas são demasiado rebeldes e não são propriamente discretas.

– Mas é natal – queixou-se.

– Lamento muito se os monstros e os bichos-papão não decidem tirar férias e beber chocolate quente à frente da lareira, durante esta altura. Temos de fazer o nosso trabalho. O Richard e o Gabriel partem hoje para uma missão e o Matthew e a Shianne ainda não regressaram. Todos temos de fazer a nossa parte. – Nolan inspirou e mostrou a Zhao um olhar compadecido. – Fazemos assim, porque é natal e eu estou a sentir-me generoso, podem levar uma terceira pessoa. Ainda que não seja absolutamente necessário.

Vi Zhao sorrir de forma travesseira, mas pareceu finalmente relaxar um pouco.

Ainda um pouco resignada, Zhao abandonou o escritório de Nolan. Partilhou a ideia de termos uma pequena missão antes da consoada de natal com Ada que, não querendo que passássemos o natal sozinhas caso algo corresse mal, aceitou vir connosco.

Voltámos para a sala, meio a andar, meio a arrastar-nos. Tentei esconder o meu alívio das minhas colegas. Esta missão era exatamente o que estava a precisar para evitar pensar que havia pessoas que não estariam comigo este ano. E...

Uau!... No meio da tarefa de decorar, nem me apercebera no quanto a sala se transformara com o pinheiro encostado a um dos cantos. As bolas douradas que Zhao comprara no Antiquário reluziam em contraste com os enormes laços vermelhos e as grinaldas de pinheiros pareciam ser infundidas com um aroma natalício que rapidamente animou Zhao. Com dois saltinhos, ela correu na direção de Gabriel que se preparava para ligar a ficha na tomada.

– Preparados – perguntou com um sorriso largo.

Zhao bateu palmas e os outros acenaram. A sala foi instantaneamente preenchida com milhares de luzes quentes.

III

♪ *Winter Song* – Sara Bareilles & Ingrid Micaelson ♪

♪ *Love is Christmas* – Sara Bareilles ♪

Não valia a pena. Não conseguia dormir.

Toda a felicidade que sentira quando festejava com os meus colegas pareceu eclipsar-se, assim que pousei a cabeça nas almofadas de pena. Um sentimento sombrio tomara o seu lugar. A solidão era a minha única companheira naquele quarto escuro e congelava-me o corpo de tal forma que sentia dificuldade em respirar.

Isso! Diverte-te, enquanto eles estão mortos e enterrados. Esquece-te deles.

Cala-te, berrei silenciosamente agarrada aos cabelos.

Tentei ignorar aqueles sentimentos melancólicos que se apoderavam da minha mente. Mas depois de dar voltas e voltas à cama, sem qualquer efeito, acabei por me levantar revoltada.

Lera algures que um copo de leite morno ajudava a adormecer, por isso caminhei pelos corredores vazios e iluminados pelas decorações de natal

em direção à cozinha. Na esperança que o remédio popular também fosse tão verídico como as outras lendas.

Quando voltei para a sala, sentei-me no sofá em frente da lareira. O fogo já começava a extinguir-se, mas o seu aconchegar quente ainda era capaz de criar um certo rubor nas bochechas.

Deitava-me todas as noites a tentar convencer-me que não havia nada que pudesse fazer quanto ao destino horrendo que tivera a minha família. Mas, mesmo assim o sentimento de culpa e remorso tornava-se sempre pior quando o dia me presenteava com alguns vestígios de felicidade.

As lágrimas começaram a rolar. Tentei ignorá-las e beber o meu leite, mas o barulho de uma porta a bater obrigou-me a limpá-las como que por instinto. Já era perita a esconder os meus sentimentos, quando estes momentos me atacavam numa casa rodeada de pessoas.

Tentei fingir que não ouvira nada a princípio, mas a curiosidade foi mais forte e acabei por olhar por cima do sofá. Os olhos de Liam Kestner cruzaram-se com os meus. *Oh, não. Todos menos ele!*

Liam Kestner era a pessoa mais fria e antipática de todos os que viviam em *Diabolus Venator*. A nossa relação enquanto colegas não observara quaisquer melhorias depois de termos tido a nossa primeira missão. Limitava-me a suportar as raras ocasiões em que Liam dava o desprazer da sua companhia nos treinos; ocasiões essas que ele insistia em puxar-me os botões e apontar tudo o que fazia de errado.

– Que estás aqui a fazer? – Liam estacou, deixando a toalha com que limpava o sobrolho pairar sobre a sua testa.

– Eu vivo aqui. Que estás tu aqui a fazer? – Era óbvio que pela camisola justa e molhada de suor – que infelizmente revelava os seus músculos do peito definidos de forma lisonjeadora – que ele vinha do ginásio. Por isso acrescentei: – Pensei que desprezavas as nossas máquinas topo de gama.

– Eu nunca disse isso – respondeu ele secamente. – Além disso, eu aprecio-as quando não estão repletas de gente. É relaxante poder treinar em silêncio.

Não lhe respondi. Bebi um trago do meu leite quente e esperei que os mitos fossem verdade e me oferecesse mais uma dose de serotonina. Pelo canto do olho, reparei que Liam não se tinha ido embora. De facto, tinha pousado um joelho no sofá.

– Parece que andas aí a remoer algo. Que se passa?

– Estás preocupado?

Liam atirou a toalha para cima das costas do sofá e sentou-se ao meu lado sem ser convidado. Esperar que ele pedisse autorização por uma questão de educação seria pedir muito dele. Os cabelos molhados e completamente negros caíam-lhe em cima dos olhos esmeralda. Odiei a sensação de arrepios que a sua presença próxima me provocou.

– Nem por isso. Mas fazemos o seguinte, Portugal, como é natal, vamos fingir que me preocupo. Vá lá, dispara.

Olhei para o vazio de luzes brancas e vermelhas intermitentes que piscavam na árvore e, sem lhe dirigir o olhar, respondi:

– Não entendo muito bem qual é o objetivo disto. Festejar o Natal. É apenas uma lembrança de tudo o que perdemos. Este ano passaremos o natal sem as nossas famílias e é suposto o quê? Estarmos felizes?

Ele suspirou, enquanto eu bebi mais um gole.

– Este é o teu primeiro natal sem eles, não é?

Assenti.

– Eu pensava que estar rodeada de pessoas animadas fosse ajudar, mas não...

– Nem é suposto – disse numa voz dura. Olhei para ele, surpreendida. Ele não me olhou de volta, também ele estava absorvido pelas luzes de natal. – Ainda me lembro do meu primeiro natal em *Venator*. Eu ainda era

um miúdo. Os *venatori* tomaram a oportunidade de ter uma criança na mansão para me mimar com presentes. Eu não queria saber de presentes quando tinha acabado de perder os meus pais, mas ninguém parecia aperceber-se disso. Bom, ninguém menos um: Jacob. Ele deu-me o presente que eu realmente queria.

– Que era?

– A minha primeira caça. Uma coisa simples, um *belsnickel*, responsável por causar maus tratos a crianças na altura do natal. Ele não me deixou fazer muito mais do que observar, mas foi o melhor presente que tive. Nesse dia, ele mostrou-me uma família que teria ficado irremediavelmente danificada se não fizéssemos este tipo de trabalho. Em vez de remoermos sozinhos em tudo o que perdemos, este tipo de tradição serve para nos lembrar do porquê de fazermos aquilo que fazemos e lembra-nos o que ganhámos. No teu caso, uma pequena duende mandona, que te ocupa de tal forma que não pensas em mais nada, e uma ruiva altruísta que faria tudo o que lhe pedisses só para te fazer feliz. Quanto aos outros? Decerto que devem ter alguma utilidade desconhecida.

Engasguei-me quando comecei a rir-me ainda com leite na boca.

– Estás a ser simpático, Liam Kestner! Isto só pode ser um milagre de natal.

Liam deu-me um empurrão jocoso no ombro que quase derramou-me o conteúdo líquido na caneca. Parecia que ele estava... *Será que ele está a namori...* Não, não podia ser.

O olhar dele cruzou-se com o meu e deixei de conseguir respirar. Ele não desviou o olhar, mas também não disse nada. Apesar de não esboçar um sorriso completo, também não parecia tão carrancudo como habitual. O ar só voltou aos meus pulmões quando ele finalmente se virou para a frente e bateu com as mãos nos joelhos. Observei com uma pequena onda de desapontamento que ele se levantava sem dizer nada. Ele começou a

caminhar na direção da porta, mas tinha dado apenas uns passos antes de se virar para trás.

– Ei, Lilly – Liam fez uma pausa. Tinha a boca aberta prestes a falar, mas o rosto contorcido como se tivesse a tentar travar-se. O quer que ele queria dizer, parecia-lhe causar conflito. Por fim, pareceu arrepender-se e substitui a expressão atormentada por um meio sorriso. – Tenta não morrer lá fora. Tenho a certeza que alguns achariam bastante inconveniente se tivéssemos um funeral em vez de um jantar de natal.

Assenti e levantei-lhe a minha caneca em brinde.

– Vou fazer os possíveis.

IV

♪ *Frosty The Snowman* – Zee Avi ♪

Na manhã seguinte, Ada tentava insistir com Zhao que mesmo que nos víssemos encalhadas em Eugene durante o natal, ainda nos podíamos divertir. As duas ainda preparavam as malas e eu, que fizera o meu saco na noite anterior quando não conseguia dormir, fui esperar na rua.

Sentei-me nos degraus à espera delas e avistei o *Alfa Romeo* de Louis a aproximar-se do acesso da entrada. Observei a sua figura ereta e elegante abrir a porta com cuidado e a voltar a fechá-la sem causar um único ruído. Quando me viu, Louis apresentou-me uma perfeita fileira de dentes brancos e brilhantes. Duvidava que os vampiros fossem afetados pelas alterações de temperatura, mas ele vestia uma forte camisola de lã cinza.

– Que fazes aqui? – perguntei. Desde a noite do meu jantar de iniciação que pouco vira Louis em *Diabolus Venator*. No entanto, era sempre um prazer quando ele aparecia. Ele presenteava-me sempre com um sorriso e uma conversa amigável. Ao contrário de outros humanos, que se sentiam

reticentes quanto à sua condição de não-humano, isso não me afetava de todo. Adorava saber mais sobre a sua espécie e quase começara a considerá-lo como uma pessoa amiga.

– Nolan pediu-me para vir em assuntos oficiais de *Venator*.

– E tu és o quê? O agente de ligação das relações Humano-Vampiras?

– Algo do género. – Ele sorriu. Louis tinha o sorriso mais charmoso de sempre e as bochechas faziam sempre pequenas covinhas adoráveis quando se sentia particularmente alegre. – E tu? Vais sair em missão?

– Temos uma missão em Eugene. Zhao está amuada porque tem medo de perder a cerimónia em *Venator*. Não lhe digas nada, mas estou feliz por poder saltar o natal este ano.

Ele riu-se, uma gargalhada suave e calorosa.

– Vá lá, não vais entrar na lista dos meninos bons do Pai Natal se continuares com esse mau humor.

– Não me sinto com grande vontade para celebrações. O natal é para ser passado com a família e... Bem, tu sabes!

– Tu és qualquer coisa. Para enfrentar uma *pontianak* és a primeira a saltar para a fila, mas para celebrar as festas ficas logo constrangida. Eu também não tenho praticamente família nenhuma viva, mas esta época também pode ser celebrada ao recordarmos aqueles que a tornam especial. Seja família ou amigos. Quem é que te saiu no amigo secreto?

– Electra – respondi cabisbaixa. Eu e Electra também não tínhamos tido um bom começo. Ela desprezara o facto de ter duvidado da existência de criaturas sobrenaturais quando fora introduzida à mansão. Louis sibilou com a língua entre os dentes. – Nem me digas nada – admoestei. – Estou para ver o que lhe vou arranjar. Talvez um chicote para ir com o *look* gótico? Mas só por curiosidade: como é que os vampiros celebram o Natal? Juntam-se todos à volta de uma vaca e ceiam juntos?

Ele premiu os lábios num gesto condescendente.

Louis Blanchard vivia com a sua família adotada, os Angoulême. E, os Angoulême eram um clã de vampiros aliados à missão de *Diabolus Venator*. Não consumiam sangue humano, o que lhes conferia algumas características mais humanas.

– Já me tinha esquecido dessa tua curiosidade refrescante. Da maneira habitual, trocamos presentes. Apesar de no nosso caso termos uma tradição em particular, muito parecida com a de *Diabolus Venator*. – Levantei as sobrancelhas, curiosa. – Somos obrigados a tirar um nome de uma taça e, dependendo da pessoa que nos sair, temos de escolher vinte cinco livros alusivos ao natal e fazer uma espécie de calendário do advento. Todos os dias tens de ler um até ao dia vinte e cinco.

Franzi o sobrolho. Se alguém conseguia pensar numa maneira mais aborrecida de festejar o natal esse alguém teria de ser um ser com mais de um século de vida.

– Eu devia saber que era algo intelectual – protestei. – E eu aqui preocupada que este ano não ia cumprir com a minha tradição de natal de ver o *Sozinho em Casa*.

– Sozinho em casa?

Apontei-lhe o indicador.

– Ei! Não julgues. Qualquer português que se preze vê o *Sozinho em Casa* no natal.

Louis sorriu e rendeu as mãos no ar.

– Eu não julgo ninguém. Nós também vemos filmes de natal, mas se bem que os nossos são mais... clássicos ainda. Há certas tradições que nem mesmo as nossas idades não nos permitem esquecer. Por exemplo, apesar de não comermos comida humana, o Raphael continua a encomendar um *bûche de Noel* da França todos os anos.

– Oh, tronco de natal! Nós também temos disso em Portugal. Mas acho que vou sentir mais falta da tradição do bacalhau este ano.

– Vocês comem peixe para o natal? – disse erguendo o sobrolho.

– Consoada... e pensava que não julgavas!

Louis não teve tempo de responder. Zhao desceu as escadas a correr, com um saco ao ombro e batendo na palma com a outra mão.

– *Chop, chop*. Quanto mais depressa despacharmos isto, mais depressa voltamos a casa.

Louis inclinou um chapéu imaginário em gesto de despedida e deixou-nos arrumar a bagageira do meu *Volkswagen Golf* vermelho. Sem grandes demoras, e depois de termos todos materiais necessários no carro, fizemo-nos à estrada.

♪ *Mary Did You Know* – Pentatonix ♪

Chegámos a Eugene em pouco menos de uma hora. E ao contrário, da sua distante prima Jillian, que estava sempre nublada, a cidade de Eugene parecia brilhar com uma luz vinda dos céus. As ruas estavam cobertas de neve, e eu e Ada sorrimos uma para a outra numa animação infantil. Pouco importava que fôssemos obrigadas a caminhar com mais cuidado no gelo, havia neve e o calor do sol era bem-vindo. Não podia haver melhor meteorologia.

Decidimos começar primeiro pelo mercado de natal. Era onde a maior parte da vizinhança se encontrava e onde teríamos mais oportunidade de alguém saber alguma coisa.

Zhao aproximou-se da barraca que tinha uma placa a dizer “Bolos da Senhora Galvin”. Na bancada estavam fileiras de bolos de natal inglês e, sem demoras, Zhao serviu-se de uma das amostras.

– Boa tarde – disse ela.

Uma senhora roliça, vestida num casaco de malha cor-de-rosa e um alfinete de natal, sorriu-nos.

– Boa tarde, minha querida. As tuas amigas não querem experimentar também um dos nossos bolinhos. – O sorriso da senhora parecia-lhe estar colado numa posição fixa no rosto, sem nunca se mover um centímetro. Zhao esticou-nos uma das amostras ainda de boca cheia, mas tanto eu como Ada recusámos. – Têm a certeza? São feitos aqui pela própria senhora Galvan.

– Não, obrigada – respondeu Ada.

– Queríamos fazer algumas perguntas acerca dos distúrbios. – disse eu.
A senhora abanou a cabeça.

– Aqueles miúdos. Eles são conflituosos, estão a ver. Arranjam sarilhos, só para chamar a atenção.

O senhor Galvan, igualmente anafado e vestido à imagem da mulher num casaco de *tweed*, levantou finalmente os olhos e respondeu:

– *Ha!* Conflituosos? Eles são mas é delinquentes, é o que são!

A mulher bateu-lhe no ombro.

– Não sejas assim, Howard. Eu estou farta de lhes dizer: se não se portarem bem, o Pai Natal vai colocá-los na lista dos meninos malandros.

Tanto eu, como Ada e Zhao entreolhámo-nos confusas e incertas sobre como reagir ao comentário. O casal parecia levar o seu papel de casal dos anos cinquenta demasiado a sério. Foi Ada, a primeira a recompor-se:

– Sim, nós temos ouvido falar. O que aconteceu exatamente?

A senhora colocou a mão ao peito.

– Ora, são os rapazes daquelas casas que nunca conseguem ser adotados.

– Não são adotados e com razão – interrompeu o marido, mas a mulher ignorou com um aceno da mão e continuou:

– A época natalícia é sempre pior para eles, sabem, ficam zangados... e começam a espalhar o lixo pelas ruas, a roubar os meus bolos. Até velas, onde é que já se viu? Quem é que precisa de roubar velas?

Nesse momento, dois homens atarracados apareceram para ver o que estava a causar tanta comoção na tenda dos vizinhos.

– Estão a falar daqueles delitos feitos aqui no mercado? – perguntou um deles. Um senhor já de idade que ainda tinha a barba negra.

– E os senhores são? – indaguei.

– Os irmãos Brandson – respondeu o de óculos redondos e engarrafados. Depois continuou: – Sim, tem havido muitos transtornos. Leites e carnes roubadas.

– Portas partidas – queixou-se o primeiro irmão. – Uma vergonha

– Desgraça – piorou o outro.

– Pois, tenho a certeza que deve ser bastante desagradável – admitiu Zhao. – Será que me podiam dizer onde fica a casa onde os rapazes vivem?

A senhora Galvan olhou confusa para nós, mas mantinha o sorriso plástico fixado no rosto sem quebrar a imagem de senhora amável.

– Fazemos parte dos serviços sociais – explicou Ada. – Queremos ter a certeza que não há nada mais grave com que nos devemos preocupar.

– Ah, abençoadas sejam. Façam isso, façam isso, alguém tem de olhar por aqueles meninos. Não tem nada que enganar, fica perto da universidade. Na *Pearl Street*.

Zhao terminou as notas e despediu-se do casal e dos irmãos. As histórias dos restantes vendedores não se diferenciavam em muito. Acabámos por decidir que não valia a pena levantar mais suspeitas da nossa presença. Nem toda a gente acreditaria que as assistentes sociais faziam agora trabalho de investigação.

Antes de voltarmos para o carro, Ada distraiu-se a observar um coro de jovens que cantavam uma música natalícia, segurando cada um uma vela à frente do corpo. Era um grupo de acapela e a música que cantavam era igualmente linda e comovente. Ada parecia completamente absorvida. Não precisei de palavras para reconhecer a sua expressão. Estava a lembrar

algo que lhe provocava saudades. Já passara pelo mesmo vezes o suficiente para saber. Coloquei o meu braço no dela. Zhao aproximou-se à minha esquerda e descansou a cabeça no meu ombro.

Ficámos as três em silêncio durante a duração da canção. Soube exatamente o que Zhao queria dizer sobre precisarmos de confiar nas pessoas com quem arriscávamos as vidas. A união que criávamos naquele momento em silêncio era forte. Não precisávamos de palavras para saber que aquela canção era dedicada ao que nos unia: a saudade, a perda e um sentimento de responsabilidade para quem precisava de nós.

♪ *Carol of the Bells – The Bird and the Bee* ♪

Arg! – reclamou Zhao quando abriu a porta do motel. Ela atirou-se frustrada para cima de uma das camas decoradas com colchas de Natal, enquanto Ada se sentou na outra. – Não vamos conseguir chegar a lado nenhum com isto.

Pousei a mala na pequena mesa à porta da entrada.

– Acho que Nolan tinha razão. Isto parece ser a obra de *yuletides*. – Respirei fundo, tentando conter alguma da raiva que fora obrigada a esconder, enquanto entrevistávamos as pessoas no mercado. – Eu sei que eles são famosos por criar confusão, mas culpar os seus delitos num bando de miúdos que já têm problemas suficientes? É de mau carácter, até mesmo para eles.

Zhao esticou os braços no topo da cabeça.

– Pois, o natal fica arruinado para todos porque os gnomos do Pai Natal decidiram entrar para a lista dos marotos – disse.

– Os *yuletides* não são ajudantes do São Nicolau – corrija-a. – Eles são filhos da Grýla, uma das antíteses do Pai Natal.

– Antítese do Pai Natal? – perguntou Ada.

Assenti.

– Existem muitas. Enquanto o São Nicolau era conhecido por recompensar as crianças bem-comportadas, as suas antíteses são lendas usadas para assustar as que se portam mal.

Ada pareceu ponderar sobre o que lhe dissera.

– E o que fazem essas antíteses do Pai Natal?

– Em vez de recompensar, castigam. Geralmente o castigo das lendas é que esses monstros as devoravam. Porquê?

Ada ergueu um dedo no ar e dirigiu-se à mesa onde abriu o portátil.

– Algo que li nas notícias esta manhã no carro. Uma das crianças da instituição foi dada como desaparecida.

– E isso é incomum? – perguntou Zhao. – Quer dizer, há muitas crianças a fugir desses lares para ir ter com as famílias, não?

– Sim, mas se os filhos dessa Grýla estão em Eugene, o que nos garante que ela também não esteja? – Concluiu ela. – E, eles podem não ser responsáveis pelo o que está a acontecer, mas vocês ouviram o que disse a Senhora Galvan...

– Essa mulher era sinistra – interrompeu Zhao.

–... eles são conflituosos. Se a Grýla os fosse colocar numa lista, qual é que acham que seria?

Arregalei os olhos perante a realização do seu raciocínio.

– Raios! – praguejei.

Zhao levantou-se com um salto e tirou a arma da mala, uma *Glock* cor-de-rosa com o ferrolho de alumínio.

– Ok, temos o pau da *Grýla* para os *yuletides*. Como é que damos cabo da mãe?

Passei os dedos pelos cabelos.

– Talvez seja melhor telefonarmos ao Gabriel ou ao Matthew para confirmar, mas a *Grýla* é um ogre. Nos poemas folclóricos, geralmente mata-se um ogre com uma lança.

Zhao agarrou nas chaves do meu carro, pousadas em cima da mesa junto à janela.

– Do que é que estão à espera? Vamos. Telefona-lhe pelo caminho.

Zhao atirou o telemóvel na minha direção. Matthew e Gabriel eram quem mais sabiam sobre as lendas em *Venator*. Agora também me juntara ao seu grupo, visto que todo o meu curso superior era dedicado ao estudo destas criaturas. Mas mudara-me para Jillian ainda a pensar que ia estudar apenas ficção. Nada me preparara para o facto de ter de pesquisar nas lendas populares os contos sobre as armas mágicas. Ada fechou o portátil à pressa, antes de correr atrás de mim e bater com a porta do motel.

– Aposto que aquele casal estranho da barraca dos bolos tem alguma coisa a ver com isto – disse Zhao, quando já estávamos no carro.

– Eles podem ser apenas pessoas otimistas – ofereceu Ada como hipótese.

Zhao revirou os olhos

– Ada, não vês que quanto mais depressa acharmos os gnomos, mais depressa vamos para casa. Deixa de ser pessimista e começa a desejar que seja ali a Martha Stewart.

Ada encostou-se contra os bancos, frustrada.

– Lilly? – chamou ela. Dirigi-me para trás para olhar para ela. – Tu achas que... Quer dizer... Se as antíteses do Pai Natal são criaturas verdadeiras, então seria lógico que existisse um Pai Natal também, certo?

Eu e Zhao entreolhámo-nos atrapalhadas.

– Infelizmente – começou Zhao –, pela minha experiência, as lendas más acabam sempre por ser mais verdadeiras que as boas.

Reparei no olhar desiludido de Ada pelo vidro retrovisor.

– Mas podemos sempre ter esperança – incitei. – As histórias más também se espalham muito mais que as boas.

Ada não pareceu muito convencida, mas assentiu em agradecimento.

♪ *I Want a Hippopotamus for Christmas – A Great Big World* ♪

Conduzi o *Golf* até à entrada da casa indicada pelo casal Galvan e desliguei as luzes. Algumas das casas ainda tinham as luzes acesas, mas a casa verde da instituição parecia já ter tido o seu recolher obrigatório.

– Até agora nada de estranho – afirmou Ada.

Sáímos as três do carro. Eu tinha o pau de *Gryla* comigo e passáramos o resto da tarde à procura de uma loja que vendesse artefactos medievais, depois de Matthew ter confirmado a minha teoria sobre o ogre.

Zhao e eu íamos mais atrás vasculhando os outros jardins, antes de nos aproximarmos das traseiras da nossa casa alvo. Caminhámos em redor da casa até ao quintal e observei Ada que olhava para a porta das traseiras. Ela franziu o olhar como se tivesse a forçar a vista.

– O que está ali a fazer um daqueles irmãos, a tentar entrar na casa? – perguntou.

Eu e Zhao seguimos-lhe o olhar. Um dos senhores Brandson, que víamos no mercado de natal, parecia suspeito na forma como caminhava a olhar por cima do ombro.

– É claro – brami, batendo com a palma da mão na cabeça. – Sou tão estúpida, não podia ser mais óbvio. Um dos nomes da *Gryla*, *Grylu-brandr*. Brandson!

Sem esperar pela resposta das outras à minha teoria corri até às traseiras da casa onde a porta já estava aberta e tirei a arma do coldre.

A casa estava escura e emudecida. Os ocupantes da habitação pareciam já estar ferrados a dormir. Caminhámos em silêncio, mas não avistámos o senhor Brandson em lado algum, parecia ter-se tornado invisível.

Reparei num enorme saco de veludo caído no chão e agachei-me com cuidado para ver o que continha.

– Os meus presentes não! – A figura atarracada de um dos irmãos, o de barba mais curta e negra, correu vindo da lareira e atirou-me ao chão.

Ada correu em meu socorro, mas o segundo irmão apareceu de seguida, e atirou-a contra a árvore, abanando os ornamentos.

– A árvore de Natal não – guinchou Zhao. O irmão que me atirara ao chão já se tinha levantado e estava agora a circular a mesa. Zhao tentava apanhá-lo.

Levantei-me dorida, corri até à outra ponta da mesa para tentar encurralar o *yuletide*. Ele olhou para nós com um ar desafiante, subiu para cima da mesa e destruiu a casa de gengibre gigante que a decorava.

– A casa – bramiu Zhao. Ela correu atrás dele, que seguia em direção à árvore, mas mudou de direção no último segundo. Zhao teve de travar repentinamente para não cair em cima da árvore. Tentei bloquear-lhe a passagem quando ele se aproximou da lareira.

O *yuletide* que Ada tentava apanhar, o de óculos engarrafados, começou de repente a atirar-lhe com presentes.

– Seu *Grinch* – bramiu Zhao – Esses presentes pertencem às crianças.

Peguei no pau de Grýla que tinha trazido e estava agora caído no chão, dirigi-me ao que tentava desviar-se de Ada, quando ele ainda estava distraído a destruir os presentes, e acertei-lhe no centro do corpo. Ele soltou um grunhido, mas ficou imobilizado.

– Stúfur – berrou o outro irmão.

Zhao agarrou num dos ferros da lareira e acertou-lhe na cabeça.

– Isto foi fácil – disse ela, depois de verificar que ele estava inconsciente.

Ada vasculhava a casa vazia com um ar apreensivo.

– Demasiado fácil.

♪ *Creepy Carol* – North Hollywood Holiday Orchestra ♪

A casa tremeu em resposta ao seu comentário. O tremor começou de forma muito sutil, como um terramoto noturno que facilmente passa despercebido, enquanto dormimos.

O seguinte já foi mais violento. As janelas e o solo tremeram, assim como todo o recheio da casa. Os sinos natalícios tilintaram na árvore e a mesa ao lado da porta que dava para a cozinha vibrou. Empunhei a lança à frente do meu corpo e reparei que as outras faziam o mesmo. Formámos um círculo, de costas voltadas umas para as outras, tentando olhar para todos os cantos ao mesmo tempo.

De repente, o feixe de luz cinzenta que se espalhava na sala, vindo da porta aberta na cozinha, foi eliminado. E, ao mesmo tempo que o som de cascos ressoava no soalho, uma figura coberta num manto negro bloqueou a entrada.

– *Hum*, meninas? – Chamei com a garganta seca. – Vocês estão a ver o mesmo que eu?

Era uma mulher corcunda quase do tamanho da porta. A sua pele era tão enrugada e cheia de verrugas que mais parecia uma série de camadas sobrepostas.

– Infelizmente – responderam em uníssono. Zhao e Ada, que se encontravam em cada um dos meus lados, moveram-se lentamente, e rodearam a Grýla. A criatura grunhiu-lhes. Por baixo do capuz, os seus

olhos eram brancos e leitosos e, quando abri a boca, faltavam-lhe vários dentes, mas o que tinha eram todos afiados.

Zhao foi a primeira a reagir com um grito de guerra. Correu na direção da criatura e fustigou a lança no ar. A Grýla mexeu-se de forma pesada, mas rápida e a casa ribombou. Zhao bateu contra a mesa, mas antes que a criatura a atacasse, Ada reagiu de forma fria e disparou a arma contra o monstro islandês. A distração funcionou e a Grýla zurrou.

Tomei a oportunidade para avançar. Saltei para cima do sofá e, num ato heroico, tentei mergulhar de lança empunhada em cima da Grýla. A minha lança enterrou-se nas suas costas, e eu fui impelida para o chão.

– Zhao, depressa – gritou Ada.

Antes da criatura ter tempo para retirar a lança das costas, observei Ada a correr na sua direção com a dela. Ao mesmo tempo, Zhao tinha-se recomposto, segurou na sua e lançou-se sobre o monstro. As duas lanças rasgaram a pele da Grýla ao mesmo tempo e a criatura contorceu-se e gritou de fúria. Um cheiro acre ardeu-me no nariz à medida que fluídos jorravam das chagas.

As duas *venatori* retiraram as lanças e tanto a corrente de líquido como o cheiro intensificaram-se. A Grýla caiu no chão a gemer e tremendo que nem varas verdes. Segundos depois, a única coisa que restava da criatura gigantesca era um pequeno fardo de pele carcomida e roupas.

VI

♪ *Home for the Holidays* – Sugar & The Hi Lows ♪

Em menos de cinco minutos, limpámos a casa o melhor que conseguimos. A casa de gengibre iria para sempre ficar destruída e alguns dos presentes partidos. Mas os irmãos *yuletides* e a Grýla estavam agora nos sacos de plásticos, dentro da bagageira do *Golf*, prontos para serem descartados.

Fechei o porta-malas.

– O que acham que aconteceu com aquela criança desaparecida? – perguntou Ada. Ela deixara-se ficar para trás na passagem para a entrada. Zhao e eu entreolhámo-nos.

– Hum, tu sabes o que as Grýlas fazem, certo? São monstros devoradores de crianças.

Ada fechou os olhos.

– Eu sei. O que eu quero dizer é se acham que vão continuar à procura dela? Ou se vai ser apenas mais uma dada como fugitiva de uma destas casas. – Apontou para a casa verde.

– Provavelmente – confirmou Zhao. – É melhor do que a alternativa. Não queremos assustar estas pessoas de morte ao dizer-lhes o que realmente aconteceu.

– Eu sei, mas às vezes não consigo deixar de pensar sobre o que acontece depois de já termos feito o nosso trabalho. – Ada inspirou fundo e virou-se para nós de repente. A sua expressão completamente alterada para algo mais alegre e quase suplicante. Os seus olhos pareciam brilhar como luzinhas de Natal – Será que podíamos fazer uma coisa antes de irmos embora?

Ficámos caladas, enquanto ela se aproximou do carro.

– No Natal – continuou –, uma das tradições da minha mãe, também era fazer-nos chocolate quente para comermos com as bolachas. Depois conduzia-nos no carro, enquanto víamos as iluminações da vizinhança. Será que podíamos fazer isso só durante um bocadinho antes de voltarmos?

Zhao ajeitou o saco no ombro e suspirou.

– Está bem, mas pagas tu o lanche.

Fizemos uma pequena paragem numa bancada de café na praça da cidade, enquanto eu e Zhao esperávamos no carro. Um segundo depois, Ada entrou para os lugares traseiros com uma caixa de *takeaway* onde transportava três copos de papel e um saco. Vinha com um olhar confuso e, quando fechou a porta, ainda olhava para a rua onde ficava a bancada de café.

– Aquele homem acabou de me pagar os chocolates quentes e as bolachas e desejou-me um bom natal. Assim...sem mais nem menos.

Zhao e eu apressámo-nos a inclinar-nos nos bancos para olhar para a rua, mas já lá não estava ninguém. Encolhi os ombros, voltei-me para a frente e rodei as chaves na ignição.

– Talvez tenha sido o Pai Natal – respondi. – Parabéns! Entraste para a lista dos bem-comportados.

– Vocês acham?

– Ada, não comeces – repreendeu Zhao. – E tu, Lilly, não a encorajes.

Ri-me e dirigi por entre as casas suburbanas decoradas com luzes intermitentes de todas as cores natalícias.

Quando chegámos a *Venator*, a mansão estaria rodeada de escuridão, se não fosse pelas centenas de luzes que iluminavam os telhados e as árvores da entrada, um grande conjunto formado pelo trenó do Pai Natal e as suas renas que decorava a área de estacionamento dos carros.

Zhao correu pelas escadas como uma criança corre para a árvore de natal pela manhã. Foi felicitada por exclamações de alegria dos *venatori* que se queixavam estar há horas à espera que chegássemos.

Passei os olhos pela sala. Gabriel e Richard também tinham chegado a tempo. Richard já vestia uma camisola natalícia ridícula e cheia de renas. Electra e Matthew encontravam-se também seguros em casa. Acenei a Matthew e até desejei um bom natal a Electra. Encontrara um candelabro engraçado em forma de esqueleto em Eugene, numa casa gótica quando procurávamos as lanças, e comprara finalmente um presente para ela que não fosse imediatamente deitado no lixo.

♪ *Have Yourself A Merry Little Christmas* – Digital Daggers ♪

Nolan chamou-nos pouco tempo depois para a mesa. Não foi preciso de muita persuasão, pois todos se levantaram como ratos atraídos pelo cheiro. Matthew elogiou a camisola natalícia de Nolan ao passar, que era muito parecida com a de Richard.

Quando me dirigi para a sala de jantar, Liam entrecortou-me o caminho e sorriu-me:

– Fico feliz que tenhas sobrevivido a tempo de chegar para o natal.

Senti a respiração falhar-me. Liam não prestou qualquer atenção à minha súbita falta de oxigénio e seguiu para a mesa sem acrescentar mais nada, enquanto eu ainda o observava. Só fui acordada dos meus pensamentos pelos protestos das pessoas que reclamavam com Richard. Ele já tinha monopolizado a maior parte da comida.

Pude, finalmente, contemplar a mesa decorada com toalhas natalícias de linho. Cada um dos pratos tinha um enfeite explosivo em cima como decoração. O som de estouros começou-se a ouvir por todos os lados e os *venatori* retiraram as suas coroas de reis magos de dentro do brinquedo infantil e colocaram-nas na cabeça.

Reparei que na mesa também parecia haver bacalhau e senti um sorriso escapar-me os lábios. Louis devia ter dito qualquer coisa. De facto, o banquete parecia ser uma mistura de tradições natalícias.

Jantámos com vontade e ninguém torcia o nariz, enquanto provávamos de tudo um pouco.

Horas depois, quando já estavam todos empanturrados e queixavam-se de não conseguir comer mais nada, Richard levantou-se.

– Ok, pessoal, agora que já estamos todos de barriga cheia já têm energia para fazer um pouco de exercício – disse. – Está na hora de começar a busca de presentes. Já sabem, os quartos são proibidos. Tudo o resto vale...

– Desde que limpem tudo o que desarrumarem no fim – interrompeu Nolan.

Nolan não participava na tradição e, ao que parecia, Liam também não. Os dois tinham-se sentado nas escadas do vestíbulo e observavam os *venatori* acorados numa posição pronta para começar a correr.

– Tentem jogar de forma justa e o último a achar o seu presente... é um ovo podre.

♪ *Run Rudolph Run* – Chuck Berry ♪

Richard começou a correr pelas escadas acima e foi a nossa dica para correr atrás dele.

A casa rapidamente encheu-se de risos, gritos e portas a baterem. Percorri a casa inteira à procura do meu presente. Achei que seria algo lógico começar pela biblioteca, visto que era onde passava a maior parte do tempo, mas parecia que o meu amigo (ou amiga) secreto não me queria fazer a vida fácil. Encontrei alguns presentes pelo caminho que, tal como ditava a tradição, voltei a esconder no lugar. Alguns tentavam enganar os outros, dizendo que não adiantava ir a uma certa divisão porque não estava lá nada, mas sabia que serviam apenas como distração. Encontrei o meu presente quando comecei a vasculhar o andar de baixo, no salão de jogos, entre os almofadões do sofá.

Era um livro de mitologia escandinava e tinha a certeza que iria encontrar muitos mitos natalícios ali já para o próximo ano.

♪ *Silver Bells* – Digital Daggers ♪

No final da noite despedi-me dos outros com votos de resto de um bom natal. Subi os degraus para me retirar para o quarto, na esperança que toda a alegria que marcara a noite fosse o suficiente para não me assolar com novos sentimentos de solidão.

Entre no quarto às escuras e vesti-me sem luz, a não ser as de natal que ainda brilhavam na rua.

Dirigi-me à cómoda, ainda no escuro, e abri a primeira gaveta, onde guardei um presente destinado à minha família: uma fotografia minha com Ada e Zhao, tirada no mercado de Natal. Não guardava ilusões que eles, de certa forma, saberiam que me lembrara deles mesmo não que não estivessem presentes este natal (ou qualquer outro dali em diante), mas

queria apaziguar-me a mim própria e recordar-me que, mesmo tendo eu perdido algo enorme, também ganhara aquele bocadinho que valia a pena estimar.

Voltei para a cama e pousei a cabeça na almofada. Algo duro atingiu-me na nuca.

Acendi a luz.

Em cima de uma caixa embrulhada estava um papel onde se podia ler:

Desculpa não o ter escondido melhor.

Com carinho, Louis

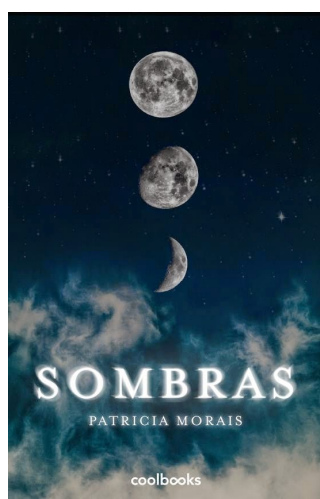
Abri o presente para encontrar uma coleção de dois DVDs. Desatei a rir quando li o título:

Sozinho em Casa.

FIM

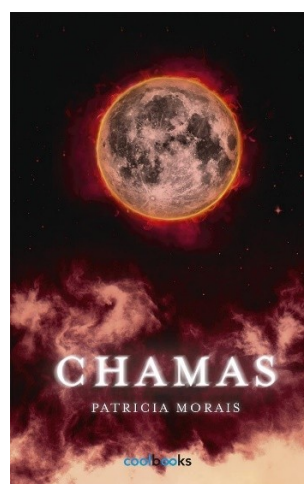
CONHECE OS OUTROS LIVROS DA AUTORA

«Um Natal Assombrado» é uma obra de ficção baseada no mundo e personagens de «Sombras» e «Chamas», escrito pela mesma autora, Patricia Morais. Conheça a história original:



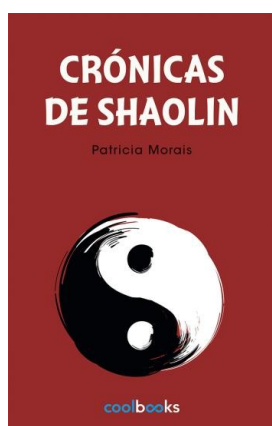
SOMBRAS
Patricia Morais

[Comprar](#)



CHAMAS
Patricia Morais

[Comprar](#)



CRÓNICAS DE SHAOLIN
Patricia Morais

[Comprar](#)



OS MONSTROS QUE NOS HABITAM
Patricia Morais e outros

[Comprar](#)

SOBRE A AUTORA



Patricia Morais é licenciada em Tradução e Desenvolvimento Internacional; a sua área de foco centra-se nas questões de género, educação e advocacia para os direitos das crianças.

É a autora do seu *memoir* de Kung-Fu, *Crónicas de Shaolin*, dos livros de ficção sobrenatural, *Sombras e Chamas*, e uma das coautoras da antologia paranormal, *Os Monstros Que Nos Habitam*.

A sua paixão pela viagem e o conhecimento de diversas culturas, levou-a a viver em vários países e a passar de mochila às costas por outros. Em 2016, viajou até à China para estudar Kung-Fu a tempo inteiro numa academia de artes marciais tradicionais, no meio das montanhas.

www.patricia-morais.com

Patricia Morais nas redes sociais:

www.facebook.com/pa7riciamorais

www.instagram.com/pa7riciamorais